

**Estudos Aproximativos Acerca da Teoria da Reprodução Social***Estudios Aproximados sobre la Teoría de la Reproducción Social**Approximate Studies on the Theory of Social Reproduction***Karina Camille Marques Cezar****Olga Myrlla Tabaranã Silva**

**Resumo:** Este artigo é síntese de reflexões propostas pela disciplina optativa a nível de doutoramento do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da UFPA intitulada “Reprodução Social, Feminismo e Marxismo”. A disciplina mencionada propôs-se apresentar a Teoria da Reprodução Social em seu aprofundamento categórico-ontológico *Lukacsiano* e, a partir disso, pensar as relações sociais de mulheres, na perspectiva de defesa do feminismo. Nosso objetivo com este ensaio é apresentar uma aproximação com o debate sobre a Teoria da Reprodução Social a partir de sua principal teórica, fazendo reflexões com a funcionalidade da opressão de gênero no capitalismo.

**Palavras Chave:** Teoria da Reprodução Social. Relações Sociais. Feminismo.

**Resumen:** Este artículo es una síntesis de las reflexiones propuestas por la disciplina optativa a nivel de doctorado del Programa de Posgrado en Trabajo Social de la UFPA titulada Reproducción Social, Feminismo y Marxismo. La citada disciplina se propuso presentar la Teoría de la Reproducción Social en su profundización categórica-ontológica lukácsiana y, a partir de ello, pensar las relaciones sociales de las mujeres, desde la perspectiva de la defensa del feminismo. Nuestro objetivo con este ensayo es presentar una aproximación al debate sobre la Teoría de la Reproducción Social a partir de su teoría principal, reflexionando sobre la funcionalidad de la opresión de género en el capitalismo.

**Palabras Claves:** Teoría de la Reproducción Social. Relaciones Sociales. Feminismo.

**Abstract:** This article is a synthesis of reflections proposed by the optional discipline called from the Postgraduate Program in Social Work at UFPA entitled Social Reproduction, Feminism and Marxism. The aforementioned discipline set out to present the Theory of Social Reproduction in its Lukacsian categorical-ontological deepening and, from this, think about the social relations of women, from the perspective of defending feminism. Our objective with this essay is to present an introductory synthesis of the Theory of Social Reproduction based on its main theory, reflecting on the functionality of gender oppression in capitalism.

**Keywords:** Social Reproduction Theory. Social relationships. Feminism.

**Karina Camille Marques Cezar** – Assistente Social. Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA, Belém, Brasil). Doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA, Belém, Brasil). E-mail: [karinamarquesas@hotmail.com](mailto:karinamarquesas@hotmail.com)

**Olga Myrlla Tabaranã Silva** – Assistente Social, formada pela Universidade da Amazônia (2011); Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (2015) e Doutora em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (2022). Atualmente é professora - EMANCIPA Formação em Direitos Sociais, membro do Grupo e Estudos e Pesquisas em Serviço Social e Política Social na Amazônia. É assistente social servidora pública do município de Belém/PA na Fundação Papa João XXIII e na Secretaria Municipal de Saúde. E-mail: [olgamyrllass@gmail.com](mailto:olgamyrllass@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Ao se estabelecer como organização social, o capitalismo ergue suas condições de reprodução social que, para Marx (2017), estão relacionadas intimamente com a produção de mais valor, mas que não se confundem. Conforme Marx, “todo processo social de produção, encarado em suas conexões constantes e no fluxo contínuo de sua renovação, é, ao mesmo tempo, processo de reprodução. As condições da produção são simultaneamente as de reprodução” (2017, p. 661). Na trajetória histórica da humanidade, este modelo de produção da mercadoria e expropriação do trabalho humano se complexifica, gera novos e aperfeiçoa outros dispositivos do arranjo produtivo que demandam, daquelas e daqueles que se dedicam a entender seu movimento dialético, uma investigação comprometida em captar a essência do real e das transformações desse sistema, sem desconsiderar a sua totalidade, suas leis gerais.

Com o objetivo de avançar com os debates marxianos sobre as dimensões de produção e reprodução social da mercadoria e do mais valor, como também agregar novas dimensões a estas discussões, surge, ao longo dos anos 1960, um movimento de mulheres feministas socialistas e marxistas que se propõem a analisar e intervir nessa realidade particular a partir da mediação da funcionalidade do gênero feminino para o capital. Correntes como a feminista-socialista e a feminismo-marxista se propuseram, cada uma a seu modo, a explicar o processo de opressão, controle e subjugação das mulheres sob a dominação do modo de produção capitalista, considerando o momento histórico de aperfeiçoamento desse modelo de produção, na perspectiva de extrair mais valia do trabalho humano e, concomitantemente, mercadorizar a vida social, privada, nas relações humanas de sociabilidade.

Neste trabalho, daremos ênfase aos debates em torno da Teoria da Reprodução Social, por meio da sua notável interlocutora no século XX, Lise Vogel, e sua célebre obra “Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária”, com o intuito de apresentar as principais argumentações e reflexões da autora fundamentadas em seu debate ontológico e crítico, ancorado nas relações sociais capitalistas.

### 1. Teoria da Reprodução Social: ensaios aproximativos

O contínuo processo investigativo de Marx e Engels sobre a organização social do capital, que se erguia no início do século XIX, produziu importantes contribuições teórico-práticas para o campo das ciências sociais modernas e às organizações de classe ao elaborarem larga bibliografia crítica e de posicionamento contrário ao modelo capitalista. Estas produções bibliográficas figuram, até hoje, como obras intelectuais atemporais que retratam as contradições dessa sociedade.

Os estudos sistemáticos destes autores propuseram, primeiramente, mas não nessa ordem, o norte investigativo a partir de um método materialista, histórico e dialético, comprometido em interpretar o movimento da realidade conforme sua dinâmica própria, reconstruindo-o teoricamente. Em seguida, subsidiaram seus precursores ao elaborarem uma teoria social que analisa criticamente as relações de produção e reprodução social desse modelo em curso e, por fim, sugerem um posicionamento político contra-hegemônico, cujo horizonte está na emancipação humana, por meio de uma revolução do proletariado enquanto classe para si.

Nestas sucessivas aproximações, os autores afirmam que este novo ordenamento terá, na dinâmica entre as classes sociais antagonicas, os sustentáculos das relações de exploração do trabalho

assalariado, cujo princípio se apoia no discurso do “livre” comércio (compra e venda) da mão de obra de homens e mulheres para serem inseridos no circuito produtivo e na produção de mercadorias por meio da expropriação do valor trabalho dessa classe proletária que, no capitalismo, será apropriado individualmente pelos donos dos meios de produção.

Na dicotomia entre a classe que concentra meios de produção e capital e a maior parcela que integra a classe que depende exclusivamente da venda de sua força de trabalho, está uma das categorias centrais dos estudos marxianos: a luta de classes. Nessa sobreposição de classe,

as ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder *espiritual* dominante. [...] As ideias dominantes não são mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes [...] portanto, das relações que precisamente tornam dominante uma classe, portanto as ideias do seu domínio. (MARX, 1986, p. 67. Grifos dos autores)

Não são as ideias que determinam a realidade, ao contrário. É diminuto propor uma transformação de ideias sem que haja intervenções concretas na realidade cotidiana, onde acontece a reprodução de ideias, comportamentos e expressões culturais. Tangencialmente, ao pensarmos sobre a perpetuação dessas ideias, de uma idealização de modelo a ser seguido com intenção de manutenção do capitalismo, estamos reafirmando o que teoria social marxiana denomina de nível da reprodução social, o qual é responsável pela continuação das relações sociais existentes, garantindo a permanência da exploração entre classes.

Orientando-se na tradição marxiana e propondo um avanço nesse campo teórico-prático, ganham força, no início do século XX, correntes feministas que encontram nas relações de gênero, enquanto uma das camadas que mediam as relações sociais mais gerais, uma notória categoria de análise que contribuirá para pensar a heterogeneidade das classes sociais, dando ênfase ao papel de gênero nessa sociabilidade do capital. Especificamente, a Teoria da Reprodução Social desnaturaliza o trabalho não-pago, sob o viés de cuidado, da reprodução da classe trabalhadora quando

elabora sua análise da *contradição entre capital e trabalho examinando a relação entre o circuito imediato de produção e reprodução de mais-valor e a dinâmica de reprodução da própria força de trabalho, como parte do trabalho social ocupado majoritariamente por mulheres* que se ocupam tanto com o trabalho pago e não-pago, com as atividades de manutenção, criação e recriação da vida dos trabalhadores como parte do processo de reprodução do capital. Portanto, as teóricas da TRS apresentam uma importante elaboração no campo feminista, em particular no interior do marxismo, à medida que sua análise ao articular trabalho reprodutivo, classes sociais e reprodução do capital desvela os fundamentos das questões de gênero na sociabilidade capitalista (SAMPAIO; PEREIRA, 2023, p. 284. Grifos nossos).

Em um breve preâmbulo histórico, evidenciamos que o livro “Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária”, obra precursora escrita pela socióloga e historiadora marxista Lisa Vogel, foi lançado pela primeira vez em 1983 na América do Norte (nos Estados Unidos), em um contexto sociopolítico desfavorável de contrafluxo dos levantes populares do pós-II Guerra Mundial e de ascensão do neoliberalismo. Após um vasto período no ostracismo, foi relançado em

2013 também na América do Sul, ganhando sua publicação no Brasil em 2022, por meio da editora Expressão Popular.

Em notas introdutórias de sua obra, Vogel (2022) descreve o estimulante debate das feministas-socialistas nos anos 1960 que, alicerçadas em leituras marxistas, defendiam uma teoria de sistemas duplos ou teoria dualista que, ainda nesta obra, Vogel se posiciona contrária, propondo, em contrapartida, uma teoria unitária que anos depois seria chamada de Teoria da Reprodução Social.

A mencionada corrente teórica dualista defendia que haveria dois motores que movimentam o desenvolvimento da história no capitalismo, a dizer: a luta de classes e a luta entre os sexos. Para Vogel (2022), essa argumentação se apresenta frágil e débil, haja vista que era incapaz de explicar a dinâmica entre exploração capitalista e opressão de gênero feminino. Também reproduzia, em alguma medida, uma perspectiva a-histórica que, por vezes, recai em equívocos teóricos, como aqueles referentes à teoria do valor em Marx. Todavia, a autora não rejeita as contribuições desse movimento.

A emergência de uma tendência feminista-socialista [...] foi um desenvolvimento extremamente importante. [...] se solidarizou com as lutas anti-imperialistas e progressistas [...] colocou-se em oposição a uma crescente tendência feminista radical que considerava a supremacia masculina a raiz de toda opressão humana e o principal obstáculo à libertação feminina. (VOGEL, 2022, p. 106)

Vogel afirma que “a tradição socialista é profundamente falha [...] nunca abordou adequadamente a questão das mulheres, mas que o marxismo pode, no entanto, ser utilizado para desenvolver um quadro teórico” (2022, p. 107). Nesse ínterim, a autora ressalta que as feministas socialistas das décadas de 1960 e 1970 foram hábeis em situar o trabalho doméstico em termos da reprodução da força de trabalho, produzindo uma análise materialista da opressão das mulheres. Entretanto, ao mesmo tempo, consideraram os fenômenos ideológicos e psicológicos em suas análises, o que contribuiu para que parte delas tenha recaído em uma visão economicista.

Para Vogel (2022), Marx contribui muito com o debate quando considera a reprodução da força de trabalho e da classe trabalhadora enquanto elementos entrelaçados e indispensáveis para a perpetuação do capital, colocando, dessa forma, a reprodução social e geracional da classe trabalhadora no centro da dinâmica desse sistema. A autora evidencia também que a obra de Engels “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, de 1884, que trata sobre os modos de organização da vida social, associa o papel da mulher ao surgimento da ideia de família que, por sua vez, está atrelada ao surgimento da propriedade privada.

A autora, assim, nos adverte para a relação de exploração do trabalho diante da opressão contra a mulher não apenas nas relações familiares.

Tomando como base o todo, os escritos maduros de Marx constituem os princípios de uma base teórica para analisar a situação das mulheres desde o ponto de vista da reprodução social. [...] Os recentes esforços feministas-socialistas para situar as mulheres em termos de um conceito de reprodução da força de trabalho constituem, portanto, a primeira tentativa sólida de desenvolver uma compreensão da opressão às mulheres baseada na teoria de Marx sobre a reprodução social. (VOGEL, 2022, p. 219)

Este debate de reprodução social e opressão de gênero resulta, como mencionado anteriormente, em uma renovação no campo marxista no século passado, lançado em um período em que essa corrente teórico-prática estava em descrédito e ascendiam correntes do pensamento pós-modernos, as quais revogavam o fim da história, a individualização das opressões e mitigações superficiais para fenômenos estruturais (NETTO, 2012; COUTINHO, 2017). Ademais, a teoria da reprodução social exemplifica como a teoria-social deve ser resgatada e aprofundada, propondo uma nova mediação na leitura da realidade vinculada à legalização social desta sociabilidade contraditória.

As reflexões expostas na obra literária de Vogel vinculam-se a categorias concretas da tradição marxiana, particularizando-as para o momento histórico do século XX, balizadas em arcabouço teórico de outras autoras feministas que largamente são mencionadas em seu texto para elaborar uma nova síntese sobre a categoria opressão de gênero no capitalismo.

Mas a essência humana não é uma abstração intrínseca ao indivíduo isolado. Em sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais. O fundamento desse conjunto é em seu aspecto ontológico primário o próprio processo econômico, que, emergindo do trabalho, como determinação central ontológica do ser social assim surgido, determina de maneira primária todas as linhas de desenvolvimento. (LUKÁCS, 2010, p. 293)

É importante ressaltar que a lógica do processo da reprodução social da vida tem muitas marcações moralizantes do que se considera “feminino”. No que diz respeito à reprodução da vida, das relações sociais, como afirma Lukács (2010) acima, há de se considerar que a quantidade dos meios de subsistência para as pessoas que produzem este sistema não é suficiente para manter um indivíduo trabalhador/a como tal em sua condição, devido às próprias necessidades naturais com alimentação, vestimenta, habitação entre outras. As necessidades humanas e sociais da classe trabalhadora são diferentes de acordo com as particularidades desta. Por outro lado, a extensão das necessidades imediatas, assim como o modo de sua satisfação, são produtos históricos. A produção tem uma série de condições baseadas em necessidades “do estômago e da fantasia”.

A resposta às necessidades humanas dos seres sociais se caracteriza no processo de produção de valores de uso, os quais são absorvidos pelas famílias que vivenciam determinadas realidades ensejadas nesta sociabilidade, ao ponto que se moldam em valores individualizantes e opressores. Deste modo,

embora o fruto de seu trabalho não articule no mercado capitalista, a dona de casa desempenha função importantíssima na preservação do sistema capitalista, na medida em que os serviços que presta incidem diretamente na produção e na reprodução da força de trabalho, mercadoria imprescindível à reprodução do capital. (SAFFIOTI, 2013 *apud* MACHADO, 2023, p. 58)

Assim configura-se a matriz da opressão feminina no patriarcado, este entendido como o sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem e colocando-se totalmente ajustável ao sistema capitalista, ainda que não tenha sido criado por ele (ARRUZZA, 2015). A funcionalidade do patriarcado ao capital funda-se em valores sociais ao se analisar os conceitos de dominação-exploração/exploração-dominação, os quais, por sua vez, não podem ser hierarquizados na análise sociológica ou da luta política (gênero, raça e classe), mas que configuram a essência da reprodução social da vida.

Para Saffioti, sendo o patriarcado um sistema de dominação anterior ao capitalismo, o primeiro se molda para coexistir e potencializar o processo de dominação-exploração presente no segundo. Essa relação é alterada conforme o contexto social e os processos de desenvolvimento e crise pelos quais passa o capitalismo desde sua gênese. (MACHADO, 2023, p. 61-62)

A diferenciação e fragmentação dos debates sobre gênero, raça/etnicidade e as classes sociais é funcional a este sistema social e econômico de forma estruturante, uma vez que esta fragmentação e isolamento de análises justifica a diferenciação de classes. Assim, o poder de organização da coletividade que vivencia estas opressões, torna-se perigoso para a existência desta forma de organização social. Historicamente, a união e o reconhecimento das opressões torna a existência da sociedade capitalista mais difícil. Logo, associar o debate marxista sobre opressões, alienação e exploração à perspectiva unificada de classe e suas mais variadas formas de subjugação, torna-se um grande obstáculo para a continuidade desta forma de sociabilidade.

Por isso, lutar contra a opressão racial, sexual, heterossexual e classista é uma urgência para os movimentos sociais e para o fortalecimento da classe trabalhadora. “A classe contém raça e gênero, assim como o gênero contém raça e classe, e assim sucessivamente” (MACHADO, 2023, p. 72). Deve-se,

[...] considerar a relação entre o trabalho dispensado para produzir mercadoria e o trabalho dispensado para produzir pessoas como parte da totalidade sistêmica do capitalismo, ampliando e complexificando, assim, o conceito de trabalho. (MACHADO, 2023, p. 74)

O trabalho necessário para reproduzir pessoas é essencial como sustentáculo do capital, uma vez que, por ser subjetivado, não é reivindicado como trabalho formal. No entanto, em sua execução cotidiana, o trabalho de reprodução social é fundamento da existência e desenvolvimento da classe trabalhadora. Este trabalho é, majoritariamente, realizado por mulheres e assumido por estas como característica natural do gênero e obrigação de fazer com perfeição. “[...] se o trabalho do trabalhador produz toda a riqueza em nossa sociedade, quem então produz o trabalhador?” (BHATTACHARYA, 2019 *apud* MACHADO, 2023, p. 75).

Nesta conjuntura, mulheres produzem e reproduzem a classe trabalhadora, mercadoria primária do capital. Produzem no sentido biológico, geram, cuidam, educam, e reproduzem no sentido social ao considerar os cuidados de uma vida toda, da educação e formação de valores e por meio da criação de formas de existência e de sobrevivência, a partir das atividades cotidianas de cuidado. Além de ampliar a noção de trabalho, a teoria da reprodução social enfatiza a diversidade dos corpos que trabalham, na medida em que “o trabalho é uma experiência concreta, corporificada” (FERGUSON, 2018 *apud* MACHADO, 2023, p. 76).

Os corpos que trabalham não são apenas diferentemente sexuais, eles também são diferentemente especializados em sentido tanto geográfico como social. Todos nós nascemos e trabalhamos para reproduzir o mundo em locais sócio-históricos e geográficos específicos. [...] esses sociais são alcançados de maneira desigual pela desigual dinâmica sempre expansiva do capitalismo. Dependendo de quais espaços os diferentes corpos ocupam no interior desse sis-

tema mundial hierárquico [...] o trabalho e as vidas das pessoas são valorados de maneira diferente. (FERGUSON, 2018 *apud* MACHADO, 2023, p. 76)

A forma de exploração dos corpos que trabalham no capital está associada à regulamentação moral de suas formas de existência. A classe trabalhadora pauperizada tem gênero e raça definidos moralmente, ao ponto que o capital e sua forma de alienação, escamoteia, muitas vezes, a visualização da exploração pelas próprias pessoas que dedicam suas forças de trabalho ao processo produtivo e/ou reprodutivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio aproximativo esboçamos algumas das reflexões teóricas e sínteses analíticas sobre a Teoria da Reprodução Social. Esta leitura de realidade apresenta-se como um avanço nos debates contemporâneos sobre gênero e é conteúdo obrigatório para aquelas e aqueles que pretendem se aprofundar nesta temática. Entretanto, é preciso mencionarmos a necessidade de aprofundamento sobre as reflexões dialéticas entre gênero, raça, classe e sexualidade, tema este abordado por sucessoras do movimento da Teoria da Reprodução Social, que trouxeram, observando a realidade contemporânea, importantes contribuições para esta corrente teórica.

Para tanto, é essencial um aprofundamento no debate ontológico de Marx e de Lukács tendo em vista fundamentar o reconhecimento do funcionamento produtivo e reprodutivo do ser social nesta sociedade e suas repercussões para os sujeitos que a compõe. Não há como debater reprodução social e feminismo sem levar em consideração os fundamentos orgânicos e sociais descritos na ontologia do ser social para ancorar as análises de reprodução da vida social nesta estrutura capitalista, patriarcal, racista, xenofóbica, preconceituosa e bárbara que estamos vivenciando na atualidade.

## REFERÊNCIAS

- ARRUZA, C. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. *Revista Outubro*, v. 23, p. 33-58, 2015. Disponível em: <[http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015\\_1\\_04\\_Cinzia-Arruza.pdf](http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015_1_04_Cinzia-Arruza.pdf)> . Acesso em: 5 jan. 2024.
- COUTINHO, C. N. *O estruturalismo e a miséria da razão*. 1º edição, São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- LUKÁCS, G. *Prolegômenos para uma ontologia do Ser Social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível*. LUFT, Lya; NASCIMENTO, Roney [trad]. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MACHADO, B. A. Repensando o capitalismo brasileiro como totalidade contraditória. In: MACHADO, B. A.; SOUZA, F. F. de. (Org.). *Gênero, raça e reprodução social: Teoria e história para uma perspectiva ampliada da classe trabalhadora*. São Paulo: Usina Editorial, 2023.
- MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*. 5º edição. Editora Hucitec, São Paulo, 1986.
- MARX, K. *O livro-capital 3: Crítica da economia política*. Livro 3: O processo de circulação do capital. Editorial Boitempo, 2017.
- NETTO, J. P. *Crise do Socialismo e ofensiva neoliberal*. 5º edição, São Paulo: Editora Cortez, 2012.
- SAMPAIO, D.; PEREIRA, J. Teoria da Reprodução Social: a crise do trabalho reprodutivo educativo no contexto neoliberal e de crise pandêmica no Brasil. *Germinal: marxismo e educação em debate*, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 282–301, 2023. DOI: [10.9771/gmed.v15i3.57000](https://doi.org/10.9771/gmed.v15i3.57000). Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/57000>>. Acesso em: 16 fev. 2024.
- VOGEL, Lise. *Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2022.